



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13278 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

As corporeidades das diferenças: as resistências nas existências

José Vicente de Souza Aguiar - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Kelly Almeida de Oliveira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas - FAPEAM

### **As corporeidades das diferenças: as resistências nas existências**

**Resumo:** O texto trata de uma pesquisa realizada com foco na ideia de corpo-corporeidade e suas resistências-existências na trajetória de formação acadêmica. Conta com relatos escritos de 34 (trinta e quatro) professores(as) em formação na graduação, cujo objetivo consiste em perceber suas compreensões sobre corpo indígena, negro e com diferentes orientações sexuais. A análise está referenciada na perspectiva da corporeidade à luz da filosofia de diferença, que considera as existências em suas formas de sentir, pensar, existir e ser no mundo que não se modula, tampouco se enquadra a modelos existentes e hegemônicos. Deste número, 13 (treze) respostas não demonstraram compreensões sobre as corporeidades; 12 (doze) afirmaram que o racismo, o preconceito, a violência são determinações da sociedade e 09 (nove) reconhecem esses fatos, mas destacam agir contra eles. Ou seja, entendem como criações que podem ser transformadas. Esses dados indicam a necessidade de investimentos na formação, uma vez que, apenas nove professores (as) em formação reconhecem que são frutos da formação do pensamento, que, assim como foram criados, podem ser transformados.

**Palavras-chave:** Corpo, Corporeidades, Filosofia da Diferença, Formação Docente.

### **Introdução**

As resistências nas existências articulam-se à discussão sobre Educação e equidade como princípio orientador dessa pesquisa. Elas perpassam e orientam a discussão articulada à filosofia da diferença, tomando com foco para a investigação as compreensões de professores(as) em formação na graduação. O grupo produziu suas compreensões escritas sobre estado democrático de direito e sobre as experiências de vida do corpo-negro, do corpo-indígena, do corpo com as diferentes orientações sexuais e do corpo-mulher, com destaque para ideia das formas de suas existências. A formação de professores(as) é dirigida para Educação Básica, principalmente.

### **Orientações de um devir metodológico**

A pesquisa foi realizada a partir da orientação da Filosofia da diferença (DERRIDA, 2003; 2004). Contou com a participação de 34 (trinta e quatro) graduandos(as) que responderam a uma pergunta elaborada sobre estado democrático de direito, com foco para suas compreensões sobre as corporeidades negras, indígenas e com as diferentes orientações sexuais. Deu-se com o propósito de destacar seus entendimentos e posicionamentos sobre o processo de equidade desses corpos que existem nas suas formas de sentir, pensar, ser e viver.

Entende-se que, muito provavelmente, professores(as) terão contato com eles no processo de ensino aprendizagem. Suas respostas foram agrupadas em três blocos. Um com 13 (treze) estudantes que não fizeram menção à questão e não demonstraram compreensões sobre a pergunta; o segundo grupo, com 12 (doze) estudantes reconhecem o preconceito, o racismo e os atos de violência, mas foram enfáticos em dizer que se trata de uma determinação da sociedade, pois ela os impõe; e, o terceiro reconheceu as diferenças das corporeidades, ao mesmo tempo, foram propositivos com destaque para atos de enfrentamento para resistir-existir. Com o propósito de resguardar o anonimato dos respondentes, por ocasião da citação de suas compreensões, mencionaremos que as falas são estudantes em formação docente na graduação.

### **Por uma Pedagogia da alteridade**

Não realizamos um estudo histórico, mas de tratamos questões existentes na atualidade, inclusive no âmbito da sala de aula, envolvendo estudantes e suas corporeidades. Trata-se de uma pesquisa sobre os atos de violência contra a vida negra, indígena e das diferenças sexuais; trata-se de conhecer os sofrimentos sentidos pelos corpos das diferenças sexuais decorrentes dos atos de heterofobia, transfobia, homofobia; trata-se de reconhecer os

sofrimentos sentidos pelas corporeidades vítimas de preconceitos, de racismos contra os seus corpos negros; trata-se de conhecer os sofrimentos sentidos pelos corpos indígenas pela discriminação e preconceito no presente.

Diante do exposto, é necessário um currículo escolar e uma pedagogia da alteridade que incluam as mais diferentes formas de vida que frequentam o ambiente escolar e existem na sociedade. A escola precisa construir conhecimentos sobre os modos humanos de existências. Ela precisa, quando a discussão for dirigida ao passado, localizar os dispositivos de poder que instrumentalizaram a ideia de superioridade do ser humano branco em relação aos indígenas e aos negros e que situou a heterossexualidade como a única forma de existir e viver a sexualidade humana.

É necessário entender que heteronormatividade, como modelo único, é uma invenção e, toda invenção que resiste e se torna historicamente predominantemente e norteadora da vida decorre de uma estratégia política dos grupos sociais que estiveram no poder. É necessário entender que as minorias, com seus corpos que expressam diversas orientações sexuais, existem e têm o direito de ser e viver suas sexualidades da forma como se sentem satisfeitas e felizes. Os direitos das pessoas, dos corpos, das diferenças sexuais são iguais aos direitos dos corpos da heterossexualidade. Ser diferente sexualmente não restringe direitos de existir e de viver. Da mesma forma, é necessário compreender que o racismo e o preconceito contra negros e indígenas são criações históricas, articuladas com as relações de poder, como apresenta Aguiar (2022).

Com efeito, é imprescindível esclarecer alguns conceitos para melhor compreender os contextos propostos neste trabalho. Em princípio, sexo, o ser humano nasce com ele, ao mesmo tempo que serve para identificá-lo como masculino ou feminino. Já a sexualidade, consiste num processo de identificação e reconhecimento a ocorrer ao longo da vida, que o corpo realiza e passa a ser representativo e satisfatório para o ser humano.

A pedagogia da alteridade trata da hospitalidade do outro a se realizar de maneira incondicional, pois “Não há hospitalidade absoluta sem soberania de si para consigo” (DERRIDA, 2003, p. 49). O pensamento da hospitalidade do outro se realiza para além de qualquer possibilidade de encaixamento das suas potencialidades e de suas corporeidades, visto que “[...] permite pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limite: quer se trate de limites culturais, nacionais, linguísticos ou mesmo humanos” (DERRIDA, 2004, p. 33). Na esteira do pensamento da hospitalidade incondicional, Lapoujade pergunta “O que resta a um ser quando seu modo de existência é contestado?” (2017, 24- b). Uma vez que “A existência não admite grau; cada existência possui seu modo de ser, intrínseco, incomparável” (LAPOUJADE, 2017, 27- b).

É justamente por esse motivo, ou seja, porque a existência não se faz por grau, que não existe uma maneira melhor de existir, visto que

Todas as existências têm o mesmo grau de realidade, existência e autenticidade. Também não podemos avaliar os modos de existência segundo sua potência de existir. Não há potência de existir maior ou menor. Nesse plano, um ser não é mais realizado do que o outro, mesmo comparado a si mesmo (LAPOUJADE, 2017, 28 - b).

As compreensões sobre as existências precisam destacar as diferenças de natureza. Dessa forma, esses corpos serão compreendidos pelas diferenças dos seus modos de pensar, de ser, de sentir e de viver no mundo, visto que:

[...] o engano mais geral do pensamento, o engano comum à ciência e à metafísica, talvez seja conceber tudo em termos de mais e de menos, e de ver apenas diferenças de grau ou diferenças de intensidade ali onde, mais profundamente, há diferenças de natureza (DELEUZE, 2012, p. 15).

Pensa-se que a ideia de hospitalidade em Jacques Derrida está relacionada ao ato de acolher e oferecer abrigo ao outro, garantindo sua existência na condição de possuidor de uma *différance*. Para além disso, corresponde a um ato de hospitalidade incondicional, realizada com o cuidado para que não ocorra o apagamento de um sujeito diante do outro.

Trata-se de um pensar diferente, que consiste em potencializar o ser para uma vida em estado de *liberdade de* pensamento e de criação, visto que conforme a análise de WORMS (2010, p 66), o que quer que pensemos, visa “alcançar é um Eu autônomo até na produção dos seus atos no mundo”. Já Lapoujade (2017a) reitera ao dizer que a *liberdade* não é tanto uma liberdade de ação, mas uma liberdade de expressão e de criação. Mas agir não é cometer uma ação, é antes de tudo expressar ou criar, reitera.

### **Corpos da diferença: reconhecimento, naturalização e contestação**

Dos 34 (trinta e quatro) posicionamentos dos professores de graduação em formação, 13 (treze) dos respondentes reconheceram os atos de preconceitos e de racismos no Brasil, mas não aprofundaram a discussão. O que pode indicar a necessidade de domínio de conhecimentos que pudessem oferecer as bases para análises com mais envergadura de conhecimento. Já 21 (vinte e um) responderam às questões, divididas em dois grupos de respostas, sendo que 09 (nove) reconhecem a necessidade de contestação do preconceito, do racismo, da homofobia, da transfobia; enquanto 12 (doze) reconhecem os fatos descritos, mas os naturalizam ao afirmarem que correspondem a uma imposição da sociedade.

Professores (as) em formação docente de graduação	
Compreendem os fatos e destacam a formação do pensamento	Compreendem os fatos, mas não destacam a formação do pensamento
1. No plano do corpo da mulher, a experiência devida é marcada pela luta contra a discriminação e a violência de gênero.	1. Desenvolve sua resposta com elaboração de perguntas, o que pode indicar impossibilidades de reação. “Como explicar ao meio de um genocídio indígena que os seres que estão vivendo aquilo têm seus supostos direitos”? [...] apesar de tanta luta é discriminado pela sociedade.
2. [...] há uma tentativa de transformar todas as diferentes formas de existências em uma só, transformar todos em corpos fechados, em corpos semelhantes.	2. Há sempre um modo existencial que nos é imposto, ele pode ser como regras sociais, que nos é imposta de forma contínua e até voluntária ou de uma forma forçada.
3. Ao falar de corpos potentes, podemos tratar das diferentes formas em que se expressam o devir: através do corpo-indígena, do corpo-negro, do devir-mulher, devir-criança e devir das diferenças sexuais [...] sinônimo de afirmação da vida.	3. O corpo-mulher é algo meio complexo, é necessário olhar a sociedade em volta para percebermos o lugar da mulher, onde ela está inserida. 4. Nós não negamos aquilo que foi imposto a nós.
4. Corpos que lutam para comprovar sua existência, lutam para conquistar seu lugar [...]. Cada existência possui seu modo de existir [...] o devir-mulher seria essa fuga dos valores e do modelo estabelecido pela sociedade.	5. Pessoas racializadas [...] vemos que somos despossuídos [...] a sociedade impõe sobre as pessoas.
5. Devir-mulher [...] se o corpo não tiver vontade de criar sua própria existência, fazendo as suas escolhas baseadas no seu desejo, ele nunca será liberto, o indivíduo nunca terá conquistado o seu direito de existir.	6. Acontece a partir de uma imposição de um modelo que limita suas existências. Por exemplo, a mulher deve casar e ter filhos [...] dar netos aos seus pais. 7. O corpo-mulher na sociedade machista e patriarcal é tratado como inferior, assim resultando nas diferenças de direitos imposta pela sociedade.
6. A luta para se ter o respeito dos corpos (da mulher, do negro, das diferenças sexuais) é diária e difícil.	8. Uma sociedade machista e patriarcal. 9. Racismo estrutural que ainda perdura durante séculos.
7. Esses corpos estão a todo momento tendo o direito de existir questionado e negado. Esses corpos lutam por representatividade, eles querem ser vistos pela sociedade e assim conseguir o respeito e o direito de existir em paz.	10. Corpo ideologizado e aceito pela classe dominante. 11. A mulher é criada para a reprodução, para cuidados domésticos, valores constituídos na sociedade.
8. [...] corpo-mulher [...] ser mais do que aquilo instruído pela sociedade. 9. É necessária uma educação antirracista e inclusiva, pois não se vive livre de estigmas e preconceitos.	12. No decorrer dos anos e evoluções, a sociedade passou a considerar a liberdade e igualdade daqueles que eram excluídos.

Fica evidenciada, nas respostas, a identificação do preconceito, do racismo, dos atos de violência contra a mulher, contra os indígenas e os negros, mas as discussões enfatizam uma certa condição de naturalidade das evidências, sobretudo quando dizem que o fenômeno é uma condição de imposição da sociedade. Isso denota um evento na dimensão de sua naturalidade, ao mesmo tempo, revela certa falta de potência para se opor ao que identificam como atos de violência impostos pela sociedade.

### **Afirmar e potencializar a vida: abertura para debates inclusivos**

Em se tratando de formação acadêmica, sobretudo para a docência, é necessário desnaturalizar os fenômenos. É preciso entender que eles são criados, são reproduzidos e ocorrem no plano da imanência, ou seja, são maquinações sociais. Dizer que a sociedade assim exige, assim impõe, assim determina a vida é eximir-se da possibilidade de entendimento e de enfrentamento com vista a outras formas de entendimento das corporeidades. Ao mesmo tempo, revela um pensamento que procura compreender os fenômenos mediante uma estrutura. Ou seja, eles existem e orientam o pensamento social, mas estão aí como resultado de uma estrutura de poder, cuja ação incide sobre a sociedade.

Em oposição a esse entendimento, 09 (nove) professores de graduação em formação reconhecem os atos de violência contra as corporeidades, mas destacam o enfrentamento, a luta contra os fatos evidenciados. Tal fato sugere que é necessário agir para contestar e criar outras formas de pensamento e de reconhecimento das diferenças na sociedade. Reitero, além de reconhecerem os fenômenos, demonstram uma atitude de que é possível ser propositivo, enfrentar a imposição, as agressões com vista a criar as condições de existências dos corpos de formas diferentes.

Agradecimentos ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas- FAPEAM

### **Referências**

AGUIAR, J. V. S. OLIVEIRA, K. A. NASCIMENTO, I. O pensamento étnico-racial: o saber científico, as normas legais e a educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e2219318, p. 1-22, 2022 Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19318>. Acesso em 13 de abr. 2022.

DERRIDA, Jacques. **De que amanhã**: diálogo/ Jacques Derrida; Elisabeth Roudinesco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LAPOUJADE, David. **Potências do Tempo**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. – 2. Ed. São Paulo: n – 1 edições, 2017. (a)

\_\_\_\_\_. **As existências Mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. – 2017. (b)

DELEUZE, Gilles, 1925-1995. **Bergsonismo** / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. Orlandi. - São Paulo: Ed. 34, 1999.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. Predobon, - São Paulo: Editora Unifesp, 2010.